

O ANJO, JESUS E A IGREJA EM APOCALIPSE: UMA PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO CRISTOLÓGICA DE APOCALIPSE 10.1-11 E ALGUMAS APLICAÇÕES PARA O TESTEMUNHO DA IGREJA

*Thiago Jachetto de Campos**

RESUMO

A interpretação majoritária de ἄγγελον ἰσχυρὸν (“anjo poderoso”), em Apocalipse 10.1-11, defende que tal figura é um anjo (interpretação angélica), e não o próprio Cristo. Tal interpretação, entretanto, parece não analisar suficientemente as características descritas pelo texto sobre o anjo e, como consequência, pode fragilizar o testemunho da igreja. Essa fragilização se deve ao fato de que, no texto em tela, João recebe desse anjo a autoridade para o testemunho, ao mesmo tempo que a natureza do testemunho é descrita no processo. Dessa forma, se tal anjo é apenas um anjo, mesmo que “poderoso”, ele não teria autoridade para fundamentar e transmitir a autoridade do testemunho a João, pois não seria digno de tal tarefa. Por isso, este artigo apresentará e analisará os argumentos favoráveis à interpretação angélica, apresentará os argumentos a favor da interpretação cristológica e tentará demonstrar a importância desta última para o testemunho e para a correta compreensão da sua natureza.

PALAVRAS-CHAVE

Teologia do Novo Testamento; Cristologia; Apocalipse; Anjo; Jesus; Testemunho; Origem; Natureza.

* Ministro presbiteriano; pastor da Igreja Presbiteriana de Novo Campos Elísios (Campinas); possui mestrado em Novo Testamento no Calvin Theological Seminary (Grand Rapids).

INTRODUÇÃO

O livro do Apocalipse usa três expressões diferentes para o mesmo período de tempo: “quarenta e dois meses” (11.2), “mil duzentos e sessenta dias” (11.3 e 12.6) e “mil anos” (20.2-7).¹ Esse é o período entre a ascensão e a volta de Cristo, período em que Satanás, expulso do céu (12.7-12), está “preso” (20.1-3) e por isso impedido de seduzir (12.9) e enganar as nações (20.3). Desse modo, as pessoas podem crer no testemunho da igreja.

Este testemunho se dá através do anúncio, vida e obras do povo de Deus diante de todas as nações² e é o principal tema de Apocalipse, pois algumas das igrejas da Ásia Menor o haviam abandonado e outras estavam perto de o fazer. Por isso, há diversas passagens que exortam as igrejas ao testemunho, ensinando, encorajando e motivando os cristãos a não arrefecerem mesmo diante da perseguição, do sofrimento, das heresias e dos poderes do mundo, pois testemunhar não é apenas uma tarefa da igreja, mas “define o papel dessa comunidade nesse período da história de Deus e, portanto, define sua própria identidade”.³

O texto de Apocalipse 10.1-11 é uma dessas passagens e faz parte do interlúdio, junto com Apocalipse 11.1-14, entre a sexta e a sétima trombeta. Neste interlúdio recebe destaque o testemunho da igreja. Em primeiro lugar, no capítulo 10, João apresenta a origem e a natureza desse testemunho, bem como o comissionamento,⁴ primeiro dele mesmo como um representante da igreja e aquele que, através do próprio livro de Apocalipse, transmitirá à igreja esse comissionamento. Em segundo lugar, a igreja comissionada é representada em 11.1-14 pelas “duas testemunhas” (δυσὶν μάρτυσίν: 11.3) em sua tarefa.⁵ Por isso, a interpretação cristológica do “anjo poderoso” é fundamental para o testemunho da igreja, pois apresenta a origem e a natureza desse testemunho.

¹ Todas as referências entre parênteses sem indicação do livro bíblico dizem respeito a textos de Apocalipse.

² Newbigin afirma o seguinte sobre esse período: “Portanto, o significado e o propósito desse tempo presente, entre a vinda de Cristo e o seu retorno, são que nele a Igreja deve dar continuidade à sua missão apostólica de testemunho para o mundo”. In: GOHEEN, Michael W. *A igreja missional na Bíblia: luz para as nações*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 156.

³ Ibid., p. 158.

⁴ Kovacs e Rowland chamam de um “comissionamento renovado”. Minha tradução. In: KOVACS, Judith; ROWLAND, Christopher. *Revelation. The Apocalypse of Jesus Christ*. Blackwell Bible Commentaries. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2004, p. 117.

⁵ PAUL, Ian. *Revelation*. Tyndale New Testament Commentaries. Vol. 20. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2018, p. 185-86.

1. JESUS, O “ANJO PODEROSO” E A ORIGEM DO TESTEMUNHO

Como destacado acima, a interpretação angélica da figura apresentada em Apocalipse 10.1-11 é majoritária.⁶ Os principais argumentos a favor de tal interpretação são, primeiro, a ocorrência anterior de outro ἄγγελον ἰσχυρὸν (5.2).⁷ Dessa forma, o adjetivo ἄλλον em Apocalipse 10.1 estaria relacionando e diferenciando este “anjo” do primeiro, e assim identificando o “anjo poderoso” de Apocalipse 10 como um outro anjo.⁸ Em segundo lugar, Jesus nunca é chamado de “anjo” em Apocalipse e João não adora o “anjo” de Apocalipse 10.⁹ Terceiro, Cristo não poderia fazer um juramento como o “anjo poderoso” faz.¹⁰ Quarto, o anjo de Apocalipse 10 seria o mesmo anjo mencionado em Apocalipse 1.1,¹¹ como parte do processo revelacional do livro. Assim, como estaria claro no início do livro, o “anjo” e Cristo são pessoas diferentes. Em quinto lugar, esse anjo seria o anjo Gabriel com base no significado do nome (“homem forte de Deus”)¹² e na relação com o texto de Daniel 12.7.¹³

Entretanto, tais argumentos são inconclusivos, pois mesmo aqueles que defendem a interpretação angélica, reconhecem características divinas e cristológicas no “anjo poderoso”. Aune¹⁴ e Mounce¹⁵ reconhecem que algumas das características do “anjo poderoso” são características de teofanias ou usadas

⁶ HENDRIKSEN, William. *More Than Conquerors: An Interpretation of the Book of Revelation*. Grand Rapids, MI: Baker’s Book Store, 1944, p.149s; KISTEMAKER, Simon J. *New Testament Commentary: Exposition of the Book of Revelation*. Grand Rapids, MI: Baker, 2001, p.392-394; OSBORNE, Grant R. *Revelation*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2002, p.444s; PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 177; MOUNCE, Robert H. *The Book of Revelation*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1977, p. 206s; PAUL, *Revelation*, 2018, p.186s. Para interpretações curiosas, ver KOVACS; ROWLAND, *Revelation*, 2004, p. 117s.

⁷ AUNE, David E. *Revelation 6–16*. Word Biblical Commentary. Vol. 52B. Nashville: Thomas Nelson, 1998, p. 555, 557.

⁸ Mounce acena para a possibilidade de ser tratar do mesmo “anjo”. MOUNCE, *The Book of Revelation*, p. 206s. Entretanto, em Ap 5.2 o “anjo” é um anjo comum. Não há a possibilidade de ser Cristo desde que ele será apresentado no versículo 5 como o “Leão da Tribo de Judá” e a “Raiz de Davi” e no versículo 6 como o “Cordeiro”.

⁹ HENDRIKSEN, *More Than Conquerors*, p. 271, nota 19; MOUNCE, *The Book of Revelation*, p. 207.

¹⁰ MOUNCE, *The Book of Revelation*, p. 207.

¹¹ BAUCKHAM, Richard. *The Climax of Prophecy. Studies on the Book of Revelation*. Edinburg: T&T Clark, 1993, p. 254s; KOESTER, Craig R. *Revelation: A New Translation with Introduction and Commentary*. The Anchor Yale Bible. New Haven & London: Yale University Press, 2014, p. 488.

¹² MOUNCE, *The Book of Revelation*, p. 207, nota 5.

¹³ Cf. OSBORNE, *Revelation*, p. 393.

¹⁴ AUNE, *Revelation 6–16*, p. 557, 575. Ele também entende que a “face como de sol” e as “pernas como colunas de fogo” podem ser características de anjos ou da aparência dos justos no *eschaton*.

¹⁵ MOUNCE, *The Book of Revelation*, p. 207.

para deidades. Koester,¹⁶ embora afirme que tal “anjo” não seja Cristo,¹⁷ reconhece que algumas características descritas se assemelham às de Cristo.¹⁸ Ao tratar dos pés do “anjo” sobre o mar e a terra (10.2), do rugido como de um leão (10.3),¹⁹ da nuvem e arco-íris e da face e pés/pernas,²⁰ ele reconhece que tais características fortalecem a interpretação cristológica. No entanto, sua conclusão é de que “na aparência desse anjo os leitores podem sentir a presença de Deus e Cristo, que o enviaram”.²¹ Hendriksen, ao mesmo tempo que afirma a diferença entre o “anjo” e Cristo, reconhece que “o simbolismo claramente indica que esse anjo está intimamente associado a Cristo”.²²

Essas posições provam que há, sim, razões textuais para a interpretação cristológica do “anjo poderoso”. Por isso, agora nos voltaremos para a análise das características descritas pelo texto, analisando-as e comparando-as com os textos de Apocalipse 1.1-16 e Daniel. Também analisaremos as atitudes do “anjo poderoso”, pois elas também podem sustentar a interpretação cristológica.

Após o toque da sexta trombeta (9.13-21)²³ e antes do toque da derradeira sétima trombeta, a sequência é interrompida e são reveladas coisas a respeito da igreja e seu testemunho no mundo, testemunho que deve ser cumprido antes da volta de Cristo, como a estrutura do bloco deixa claro.²⁴

Entretanto, antes de tratar do testemunho da igreja nesse período (11.1-13), João descreve um “outro anjo poderoso” (10.1).²⁵ Através dos adjetivos ἄλλων (“outro”) e ἰσχυρὸν (“poderoso”) há clara diferenciação entre esse “anjo” e os anjos envolvidos na sexta trombeta (9.13-14). Embora haja outras duas referências em Apocalipse a um “anjo poderoso” (5.2 e 18.21), este “anjo poderoso” de Apocalipse 10 é descrito como “descendo do céu, envolto em nuvem, com o arco-íris por cima de sua cabeça; o rosto era como o sol, e as pernas, como coluna de fogo” (10.1b).

¹⁶ Koester entende que “quando João fala de ‘um outro’ anjo ou de um anjo ‘poderoso’, estes anjos não são Cristo (5:2; 18:1, 21). O anjo de Ap 10:1 tem uma aparência exaltada porque ele media a revelação divina”. KOESTER, *Revelation*, p. 476.

¹⁷ Ibid.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Ibid., p. 477.

²⁰ Ibid., p. 488.

²¹ Ibid. Minha tradução.

²² HENDRIKSEN, *More Than Conquerors*, p. 149.

²³ Todos os sextos eventos em Apocalipse precedem a volta de Cristo, como acontecerá na sétima trombeta (11.15-19), nesta seção.

²⁴ KISTEMAKER, *Exposition of the Book of Revelation*, p. 389-90.

²⁵ Aqueles que defendem tratar-se de um “anjo” e não de Jesus aqui se baseiam apenas na palavra anjo; entretanto, é necessário lembrar que “anjo” também pode significar “mensageiro”. PRIGENT, *O Apocalipse*, p. 177.

As características descritas são características da pessoa de Jesus, pois ele é o “Filho do Homem que desce do céu envolto em nuvem” (1.7 e 14.14; cf. Dn 13.7 e Mc 13.26) e no Antigo Testamento apenas Deus “percorre os céus ou vem à terra sobre uma nuvem”.²⁶ O “arco-íris por cima de sua cabeça” faz referência à visão da glória do Senhor de Ezequiel 1.26-28²⁷ e no Novo Testamento a única outra referência é àquele que está assentado no trono (4.3), o Pai, e Apocalipse estabelece claras relações entre o Pai e o Filho.²⁸ Assim, por meio do artigo na construção καὶ ἡ ἴρις (“e o arco-íris”), João faz referência ao “arco-íris” apresentado em 4.3 (καὶ ἴρις),²⁹ mas agora com relação a Jesus. Além desta relação, Koester, analisando o contexto romano, compara este arco-íris com um arco-íris sobre a cabeça do imperador romano Augusto quando este alcançou o poder imperial.³⁰ No contexto do combate contra o sistema romano, fundamentado sobre a adoração ao imperador, e o testemunho da igreja, fundamentado na soberania de Cristo, não faria sentido João apresentar um anjo em oposição ao imperador romano. As duas últimas características (“o rosto era como o sol, e as pernas, como coluna de fogo”) são facilmente identificadas com a figura apresentada em Apocalipse 1.15-16.³¹ Portanto, analisando as características do “anjo”, podemos concluir, concordando com Beale, que tal anjo tem “características inconfundíveis da divindade”,³² pois corresponde ao “Anjo de Yahweh” do Antigo Testamento,³³ fazendo assim com

²⁶ BEALE, G. K.; CARSON, D. A. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 1358; KOESTER, *Revelation*, p. 475.

²⁷ BEALE; CARSON, *Comentário*, p. 1358.

²⁸ Em Apocalipse 4 e 5 há referências, respectivamente, ao Pai (4.1-11) e ao Filho (5.1-12). Encontramos exatamente a mesma estrutura: glória a Deus Pai (4.2-8a) e ao Cordeiro (5.5-7); adoração a Deus (4.8b-11) e adoração ao Cordeiro (5.8-12); primeiro hino a Deus (4.8b), primeiro hino ao Cordeiro (5.9-10); narrativa referente a Deus (4.9-10), narrativa referente ao Cordeiro (5.11-12b); segundo hino a Deus (4.11), segundo hino ao Cordeiro (5.12b). No final do capítulo 5 (v. 13-14) há adoração a Deus (Pai) e ao Cordeiro. Ver: FERREIRA, João Cesário Leonel. *Aquele que ouve, diga: vem!: uma leitura do Apocalipse*. Santo André, SP: Academia Cristã, 2012, p. 51s.

²⁹ BEALE, G. K. *The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text*. Grand Rapids: Eerdmans, 1999, p. 522-25.

³⁰ KOESTER, *Revelation*, p. 475. Citando Vellius Paterculus, Koester destaca que “quando Augustus assumiu o poder imperial, as pessoas ‘viram sobre sua cabeça a esfera do sol com um círculo sobre isto, colorido como um arco-íris, parecendo assim colocar uma coroa sobre a cabeça de uma pessoa destinada em breve a grandezas’”. Novamente, Koester parece contradizer sua posição quanto ao “forte anjo”, pois tal relação não poderia ser feita entre o imperador romano e um anjo, mas apenas entre aquele e Cristo, o “Senhor dos senhores e Rei dos reis” (cf. Ap 19.16).

³¹ KOESTER, *Revelation*, p. 475-76.

³² BEALE; CARSON, *Comentário*, p. 1358.

³³ *Ibid.* Beale argumenta que Jesus é identificado como o “filho do Homem” no capítulo 1 de Apocalipse e por isso deve ser identificado com esse “anjo” de 10.1.

que a cena remonte ao comissionamento dos profetas, ato realizado sempre pelo próprio Deus.³⁴

Além das características, as atitudes do “anjo” também fundamentam a interpretação cristológica. O “anjo forte” é descrito com o “pé direito sobre o mar e o esquerdo, sobre a terra” (10.2), o que representa domínio.³⁵ O “mar” em Apocalipse tem dois sentidos: os inimigos (cf. 4.6; 13.1) e parte da criação, os oceanos (e.g. 5.13). No contexto do capítulo 10, o “mar” parece ter o segundo sentido, pois em Apocalipse 10.6 a referência é ao mar como parte da criação.³⁶ Da mesma forma a “terra” tem o mesmo sentido criacional. Desta forma, o “anjo forte” está com os pés sobre o “mar” e a “terra”, isto é, tem domínio sobre o mar e sobre a terra.³⁷ Usando um merisma,³⁸ tem domínio sobre toda a criação. Entretanto, também deve ser aceito o primeiro sentido, no qual o mar e a terra se referem aos inimigos de Deus (13.1, 11).³⁹ Tal atitude pode sustentar a interpretação angélica, pois um anjo não poderia ter domínio sobre toda a criação e sobre os inimigos de Deus, mas apenas Cristo, como ele mesmo anunciou após sua morte e ressurreição num contexto de envio para o testemunho (cf. Mt 28.28).

O “anjo forte” também “bradou com grande voz, como ruge um leão” (10.3a) e em reação a esse brado os trovões “desferiram [...] as suas próprias vozes” (10.3b). Essa “grande voz” ocorre várias vezes em Apocalipse.⁴⁰ Geralmente tem como origem anjos, mas a primeira vez que ocorre é em Apocalipse 1.10 e nesse texto é o Cristo glorificado quem emite tal som.⁴¹ As palavras gregas usadas são as mesmas: φωνήν μεγάλην (“grande som”: 1.10) e φωνή μεγάλη (10.3). Além disso, em Apocalipse 10.3 essa voz é comparada ao

³⁴ Ibid.

³⁵ KOESTER, *Revelation*, p. 477, 482; AUNE, *Revelation 6–16*, p. 567.

³⁶ OSBORNE, *Revelation*, p. 447, n. 6; KOESTER, *Revelation*, p. 489.

³⁷ Outros autores entendem tratar-se de domínio da mensagem: HENDRIKSEN, *More Than Conquerors*, p. 152; KISTEMAKER, *Exposition of the Book of Revelation*, p. 395; PRIGENT, *O Apocalipse*, p. 179; OSBORNE, *Revelation*, p. 447. Osborne, embora defenda que o “anjo” seja apenas um anjo, afirma que os pés desse “anjo forte” mostram “ao leitor que Deus está no controle do mundo”. *Revelation*, p. 450.

³⁸ Merisma é uma ferramenta textual na qual o autor se refere aos extremos (e.g. céu e terra ou norte e sul), para se referir ao todo.

³⁹ KOESTER, *Revelation*, p. 490. Embora Koester adote essa interpretação, ele mantém sua posição de que o “anjo forte” não é Cristo, mas apenas um anjo. Todavia, este completo domínio sobre os inimigos apenas reforça a interpretação cristológica aqui, pois apenas Deus possui tal domínio.

⁴⁰ No Evangelho de João, todas as ocorrências dessa expressão exata (7.28, 37 e 12.44) estão relacionadas diretamente com Jesus. A única exceção – e não se trata da expressão exata – é João Batista em 1.15.

⁴¹ Aune destaca que bradar “com grande voz” “é uma técnica literária que enfatiza tanto a importância do que é dito como a origem sobrenatural daquele que fala”. AUNE, *Revelation 6–16*, p. 559. Minha tradução.

rugir de um “leão”,⁴² e apenas Cristo é apresentado em Apocalipse como um leão (5.5),⁴³ e Deus em outras passagens das Escrituras (Jr 25.30; Os 11.10; Jl 3.16; Am 1.2; 3.8).⁴⁴ Novamente, tal característica suporta a interpretação cristológica do “anjo poderoso”.

Talvez o argumento mais forte daqueles que defendem a interpretação angélica esteja baseado no juramento que o “anjo” faz, pois Cristo, supostamente, não poderia jurar por alguém. Esse juramento faz referência à visão do livro de Daniel 12.1-13.⁴⁵ Nesta visão Daniel, após citar Miguel (Dn 12.1), vê outros dois anjos, um em cada lado do rio, e um desses anjos se dirige a um “homem vestido de linho” que estava sobre as águas e pergunta sobre o fim (Dn 12.6). O versículo seguinte diz:

Ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, quando levantou a mão direita e a esquerda ao céu e jurou, por aquele que vive eternamente, que isso seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo. E, quando se acabar a destruição do poder do povo santo, estas coisas todas se cumprirão (Dn 12.7).

A identificação desse “homem vestido de linho” auxiliará na identificação do “anjo forte” de Apocalipse. Alguns intérpretes identificam esse “homem” como o anjo Gabriel (Dn 8.16). Embora Gabriel seja chamado de “homem Gabriel” (Dn 9.21), não há fundamentação suficiente para identificar o “homem vestido de linho” com Gabriel,⁴⁶ pois em Daniel 8.16 um “homem” diz que Gabriel deve dar o entendimento da visão. Para essa identificação é necessário voltarmos um pouco mais em Daniel 10.4-6, pois nesse texto há a primeira referência a tal “homem vestido de linho” e as características desse “homem” são apresentadas.

Para facilitar nosso trabalho, na sequência apresentamos duas tabelas para comparação. A primeira compara os textos de Daniel 10.5-6 e Apocalipse 1.12-16⁴⁷ na versão Almeida Revista e Atualizada (ARA). O segundo quadro compara novamente os mesmo textos, mas agora o texto de Daniel é o da Septuaginta (LXX) e o texto de Apocalipse é o da NA28.⁴⁸

⁴² Referência a Amós 3.8.

⁴³ BEALE; CARSON, *Comentário*, p. 1359.

⁴⁴ AUNE, *Revelation 6–16*, p. 559.

⁴⁵ KOESTER, *Revelation*, p. 479.

⁴⁶ The NET Bible.

⁴⁷ Não o texto todo, mas as partes que interessam para a comparação.

⁴⁸ 28ª versão do texto grego do Novo Testamento de Nestle e Aland. Para mais informações, ver: www.nestle-aland.com/en/home/

Tabela 1: Comparação entre Daniel 10.5-6 e Apocalipse 1.12-16 na versão ARA

Daniel 10.5-6	Apocalipse 1.12-16
<p>“[...] levantei os olhos e olhei, e eis <i>um homem</i> vestido de linho, cujos ombros estavam cingidos de <i>ouro</i> puro de Ufaz; o seu corpo era como o berilo, <i>o seu rosto, como um relâmpago, os seus olhos, como tochas de fogo</i>, os seus braços e os seus pés brilhavam como <i>bronze polido</i>; e a voz das suas palavras era como o estrondo de muita gente.”</p>	<p>“Voltei-me para ver quem falava comigo e, voltado, vi [...] <i>um semelhante a filho de homem</i>, com vestes talaes e cingido, à altura do peito, com uma cinta de <i>ouro</i>. A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lâ, como neve; <i>os olhos, como chama de fogo</i>; <i>os pés, semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha</i>; <i>a voz, como voz de muitas águas</i> [...] <i>O seu rosto brilhava como o sol na sua força.</i>”</p>

Nas traduções percebemos muitas semelhanças entre as características do “homem vestido de linho” de Daniel e as de Jesus em Apocalipse 1. Primeiro, tanto Daniel como João “voltam” para ver; em segundo lugar, ambas as figuras são “homens”, vestem “ouro”, possuem brilho na face, olhos com aspecto de fogo, pés que brilham como bronze e a voz forte como o som de uma multidão ou de muitas águas.

Tabela 2: Comparação entre a LXX e NA28

Daniel 10.5-6 – LXX	Apocalipse 1.12-16 – NA28
<p>⁵ και ἤρα τοὺς ὀφθαλμοὺς μου καὶ εἶδον καὶ ἰδοὺ ἄνθρωπος εἷς ἐνδεδυμένος βύσσινῳ καὶ τὴν ὀσφὺν περιεζωσμένος βυσσίνῳ, καὶ ἐκ μέσου αὐτοῦ φῶς, ⁶ καὶ τὸ σῶμα αὐτοῦ ὡσεὶ θαρσις, καὶ τὸ πρόσωπον αὐτοῦ ὡσεὶ ὄρασις ἀστραπῆς, καὶ οἱ ὀφθαλμοὶ αὐτοῦ ὡσεὶ λαμπάδες πυρός, καὶ οἱ βραχίονες αὐτοῦ καὶ οἱ πόδες ὡσεὶ χαλκὸς ἐξαστράπτων, καὶ φωνὴ λαλιᾶς αὐτοῦ ὡσεὶ φωνὴ θορύβου.</p>	<p>Καὶ ἐπέστρεψα βλέπειν τὴν φωνὴν ἣτις ἐλάλει μετ’ ἐμοῦ, καὶ ἐπιστρέψας εἶδον ἑπτὰ λυχνίας χρυσαῖς ¹³ καὶ ἐν μέσῳ τῶν λυχνιῶν ὅμοιον υἱὸν ἀνθρώπου ἐνδεδυμένον ποδήρη καὶ περιεζωσμένον πρὸς τοῖς μαστοῖς ζώνην χρυσαῖν. ¹⁴ ἡ δὲ κεφαλὴ αὐτοῦ καὶ αἱ τρίχες λευκαὶ ὡς ἔριον λευκὸν ὡς χιῶν καὶ οἱ ὀφθαλμοὶ αὐτοῦ ὡς φλόξ πυρός ¹⁵ καὶ οἱ πόδες αὐτοῦ ὅμοιοι χαλκολιβάνῳ ὡς ἐν καμίνῳ πεπυρωμένης καὶ ἡ φωνὴ αὐτοῦ ὡς φωνὴ ὑδάτων πολλῶν [...] ¹⁶ καὶ ἡ ὄψις αὐτοῦ ὡς ὁ ἥλιος φαίνει ἐν τῇ δυνάμει αὐτοῦ.</p>

Na comparação entre os textos gregos da LXX e da NA28 há mais diferenças, porém diferenças devido ao uso de sinônimos. Por exemplo, Apocalipse apresenta Jesus vestido com uma “cinta de ouro” (μαστοῖς ζώνην χρυσαῖν); Daniel vê o “homem vestido de linho” com os “ombros [...] cingidos de ouro puro de Ufaz”. Literalmente, de acordo com a LXX, o “homem vestido de linho” está “cingido de uma bandagem [de] linho fino, e no meio dele *luz*”

(tradução nossa). A diferença é que a LXX usa “luz” e a NA28 “ouro”, mas ambas querem destacar o brilho e o valor daquele que veste tal peça. Outro exemplo de sinônimo está na característica do rosto brilhante. Em Daniel a palavra utilizada é πρόσωπον (face, aparência) e em Apocalipse é ὄψις (face).

Soma-se a isso o fato de que essa parte da visão de João diz respeito ao tempo do advento de Cristo, desde o início de seu anúncio do evangelho (Mc 1.15) até o comissionamento da igreja para que esta continue o que ele começou (Mt 28.18-19; cf. At 1.1). Nesse período, Cristo estava submisso ao Pai (e.g., Jo 8.28). Além disso, Jesus proibiu aos seres humanos o juramento pelos céus e pela terra (Mt 5.34-37; cf. Tg 5.12). Desta forma, o único que pode jurar pelo Pai é o próprio Filho.⁴⁹

Diante dessas comparações, embora a maioria dos intérpretes não identifique o “homem vestido de linho” em Daniel como uma teofania de Cristo,⁵⁰ afirmamos que por meio da comparação dos textos os dois personagens são a mesma pessoa: Cristo.⁵¹

O juramento que o “anjo” faz diz respeito ao “mistério” de Deus que foi proclamado,⁵² em outras palavras, faz referência ao juízo de Deus, juízo que começa junto com o testemunho do evangelho, pois esta mensagem salva e condena ao mesmo tempo. Koester relaciona a ocorrência da palavra χρόνος aqui e em Apocalipse 6.11 e destaca que a “presente situação [i.e. perseguição, sofrimento e morte das testemunhas] não continuará para sempre”, mas apenas até o sétima trombeta ser tocada.⁵³ A questão crucial aqui, conforme destaca Koester, é o que acontecerá antes da consumação. A resposta é, com base na resposta aos mártires debaixo do altar (6.9-11) e na sequência do texto (11.1-14), o testemunho fiel que deve ser realizado pela igreja.⁵⁴

Esse é o motivo pelo qual essa afirmação a respeito do tempo está inserida dentro do contexto da origem do testemunho na Nova Aliança. Ao final “cumprir-se-á o mistério de Deus”,⁵⁵ isto é, a vitória definitiva de Deus sobre

⁴⁹ BEALE; CARSON, *Comentário*, 2014, p. 1359.

⁵⁰ BALDWIN, Joyce G. *Daniel: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1983, p. 191. Alguns que defendem essa posição afirmam que não é Cristo, pois ele precisou da ajuda de Miguel para vencer o príncipe do reino da Pérsia (Dn 10.13). Porém, essa luta deve ser vista à luz de Apocalipse 12.7.

⁵¹ OLYOTT, Stuart. *Ouse ser firme. O Livro de Daniel: história e profecia*. São José dos Campos, SP: Fiel, 1996, p. 148; KEIL, Carl Friedrich; DELITZSCH, Franz. *Commentary of the Old Testament*. Daniel 10.4-6. Software Bíblico Logos.

⁵² AUNE, *Revelation 6–16*, 1998, p. 575.

⁵³ KOESTER, *Revelation*, p. 480.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 491s.

⁵⁵ Nas palavras do apóstolo Paulo, segundo Colossenses 1.24-29.

seus inimigos e a manifestação plena e definitiva de seu Reino,⁵⁶ conforme o εὐηγγέλισεν anunciado por Deus aos profetas do Antigo Testamento e a João.⁵⁷ Koester, destacando a vitória de Deus sobre todo o sistema imperial romano, relaciona o termo εὐηγγέλισεν usado por João aqui com o nascimento de Augusto, também reconhecido como um “evangelho”, e conclui: “Por meio do contraste, Apocalipse centra o tempo no reino de Deus e em seu Messias, identificando as ‘boas novas’ com o estabelecimento de seu Reino, que difere do Império Romano”.⁵⁸

O último argumento a favor da interpretação cristológica do “anjo poderoso” é a informação prévia, dada por este a João, a respeito dos sabores do “livrinho” que deveria ser comido pelo escritor (10.9). O fato de o “anjo poderoso” informar previamente tais consequências pode significar que ele já havia experimentado tal “livrinho”, em outras palavras, já havia experimentado a doçura e o amargor do “livrinho”, já havia testemunhado. Tal detalhe reforça a interpretação cristológica desse “anjo poderoso”, pois, segundo o próprio Apocalipse, Jesus é ὁ μάρτυς ὁ πιστὸς καὶ ἀληθινός (“a testemunha fiel e verdadeira”, 3.14; cf. 1.5), aquele que experimentou a doçura do evangelho e suas amargas consequências.

Podemos concluir que o “anjo forte” descrito em Apocalipse 10.1-11 é Cristo e, assim, ele é a origem do testemunho da igreja. Koester se refere a uma obra de arte do século primeiro, encontrada na cidade de Afrodísias, localizada na antiga Ásia Menor, no qual o imperador romano é apresentado com características e postura muito semelhantes às do “anjo forte” de Apocalipse 10. A conclusão a que ele chega é que “o anjo da visão de João assume uma postura semelhante, reafirmando a prerrogativa de Deus sobre todos aqueles que tomariam o lugar de Deus”.⁵⁹ Se o “anjo forte” no texto em tela fosse apenas um anjo, a conclusão acertada de Koester não seria verdadeira,⁶⁰ visto que um simples anjo e não o próprio Cristo estaria sendo apresentado no lugar do imperador romano. Assim, o imperador seria substituído por um anjo e não pelo verdadeiro Senhor de toda a criação.

⁵⁶ KOESTER, *Revelation*, p. 480s; AUNE, *Revelation 6–16*, p. 569.

⁵⁷ KOESTER, *Revelation*, p. 481, 488; Aune cita Amós 3.7: AUNE, *Revelation 6–16*, p. 568.

⁵⁸ KOESTER, *Revelation*, p. 481. Minha tradução. Embora Aune esvazie o sentido neotestamentário da palavra “evangelho”, ele faz dois importantes destaques: (1) o “evangelho” tem origem em Deus, (2) é a proclamação da mensagem (baseada no antigo cristianismo judaico palestinese) sobre a vinda de Deus para julgar e salvar. AUNE, *Revelation 6–16*, p. 570.

⁵⁹ KOESTER, *Revelation*, p. 490. Aune faz uma relação com a estátua do Colosso de Rodes, mas porque tal estátua representa o deus sol e não o imperador romano, e não possui tantas características semelhantes ao “anjo forte” apresentado por João em Apocalipse, a comparação de Koester é mais provável. AUNE, *Revelation 6–16*, p. 556s.

⁶⁰ A correta conclusão de Koester demonstra certo grau de incoerência em sua interpretação do “anjo forte” como apresentada acima.

Podemos concluir que o “anjo poderoso” descrito em Apocalipse 10 é Jesus e, dessa forma, ele é a origem do testemunho. Agora, voltemos nossa atenção para a natureza do testemunho.

2. A NATUREZA DO TESTEMUNHO

Em Apocalipse 10.8-11 João volta a ouvir a “voz do céu”⁶¹ que o havia proibido de escrever a mensagem anunciada pelos “sete trovões” (10.4). O advérbio πάλιν (“novamente”; 10.8) indica isso.⁶² A ação é muito semelhante à narrada em Apocalipse 5.7.⁶³ Em 5.7 o Cordeiro “veio” (ἦλθεν, aoristo ativo) e “tomou” (εἴληφεν, perfeito ativo) o livro daquele que está assentado no trono. No texto em tela, João recebe a ordem de ir (“vá”; ὕπαγε, imperativo presente ativo) e “tomar” (λάβε, imperativo aoristo ativo) o “livrinho” da mão do “anjo forte”. Tal relação pode nos levar a três conclusões a respeito da natureza do testemunho.

Primeiro, em ambos os eventos há um movimento para receber o “livro”. No primeiro, Jesus recebe o livro de Deus (Pai) e, no segundo, João o recebe do “anjo poderoso” (Jesus). Dessa forma, a mesma pessoa que recebeu o primeiro “livro” é a que, agora, detém e oferece o “livrinho” a João. Tal relação se fundamenta no uso de palavras com a mesma origem (verbo λαμβάνω) para descrever o ato de “tomar” o livro. Entretanto, em Apocalipse 5.7, o verbo é um perfeito do indicativo e denota uma ação no passado com resultado no presente,⁶⁴ ao passo que o verbo em Apocalipse 10.8 é um imperativo aoristo e denota uma ordem com ação pontual, instantânea⁶⁵ e indefinida.⁶⁶ Isso significa que a segunda atitude é resultado da primeira e assim relaciona os acontecimentos.

Em segundo lugar, essa relação também se dá por meio dos “livros” mencionados em ambos os eventos. Embora as palavras usadas em referência a eles sejam sinônimas,⁶⁷ não são o mesmo livro.⁶⁸ Duas características definem essa diferença. A primeira é que o primeiro livro está “todo selado com sete selos” (5.1), ao passo que o segundo está “aberto” (10.2). A segunda é o fato de que o diminutivo, que é anartro e por isso não anafórico (sem artigo), não

⁶¹ Koester sugere que a origem dessa “voz” pode ser celestial ou angélica (*Revelation*, p. 482), porém o texto deixa claro que não pode ser do anjo (Cristo nesta pesquisa), pois a voz se refere ao anjo na terceira pessoa.

⁶² OSBORNE, *Revelation*, p. 454.

⁶³ Certamente também, como destaca Koester, a Ezequiel 2.8–3.3. KOESTER, *Revelation*, p. 482.

⁶⁴ Na perspectiva do autor e dos primeiros leitores. WALLACE, Daniel B. *Gramática do grego bíblico: uma sintaxe exegética do Novo Testamento*. São Paulo: Batista Regular, 2009, p. 573-74; MOUNCE, William D. *Fundamentos do grego bíblico: livro de gramática*. São Paulo: Vida, 2009, p. 269-271.

⁶⁵ WALLACE, *Gramática do grego bíblico*, p. 554-57.

⁶⁶ MOUNCE, *Fundamentos do grego bíblico*, p. 234-35.

⁶⁷ AUNE, *Revelation 6–16*, p. 558.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 575.

faz referência à ocorrência anterior.⁶⁹ O “livro” de Apocalipse 5 representa os desígnios de Deus para o desenrolar da história, segundo sua própria vontade, e o “livrinho”, algo menor e resultado daquele, é o testemunho em meio a esse desenrolar da história. A conclusão é que o evento descrito em Apocalipse 10.8-11 é consequência do evento narrado em Apocalipse 5.1-7.

Em terceiro lugar, há uma transferência de autoridade em Apocalipse 10.8-11, fundamentada na autoridade destacada em 5.2-9. Neste texto, Jesus, o Cordeiro, é descrito como ἄξιος (5.2, 9; “digno”, “capaz”, “qualificado”),⁷⁰ pois ἐνίκησεν (5.5; “conquistou”, “venceu”)⁷¹ ao morrer pela redenção do povo de Deus (cf. 5.9), ressuscitou e ascendeu ao céu. Assim, o motivo de Jesus receber autoridade para abrir o “livro” está nele mesmo. Em Apocalipse 10.8-11, Jesus transfere autoridade a João. A diferença é que, neste caso, a autoridade é transferida para o testemunho e daí a necessidade de comer o “livrinho”. A autoridade recebida por Jesus, baseada em sua obra, lhe concede o direito de abrir os selos e executar os desígnios de Deus. A autoridade recebida por João lhe concede o fundamento para o testemunho,⁷² que é a obra do Cordeiro. São autoridades diferentes do mesmo modo que são “livros” diferentes.⁷³ Portanto, Jesus transfere sua autoridade para João com vistas ao testemunho.⁷⁴

Retornando apenas à análise de Apocalipse 10.8-11, o texto descreve o alcance da autoridade de Jesus, transferida a João, para o testemunho. Nessa descrição, o texto novamente destaca a posição do anjo com os pés “sobre o mar e sobre a terra” (10.8). Ao contrário do que alguns intérpretes afirmam, essa não é apenas uma repetição retórica, mas deve ser compreendida dentro do contexto da tomada do “livrinho” por João das mãos do anjo. A primeira ocorrência de tal posição (10.2) tem como objetivo a identificação desse anjo e a segunda, em tela aqui, tem como objetivo destacar a autoridade desse anjo sobre a criação e os inimigos de Deus (ver acima). Dessa forma, a autoridade de Jesus sobre toda a criação e sobre os inimigos de Deus é transferida a João, para o testemunho.

Podemos concluir que, à luz dos versículos 8-11, o testemunho é consequência do evento narrado em Apocalipse 5.1-7, a autoridade para o testemunho é transferida por Jesus a João e se fundamenta na obra do Cordeiro e tal autoridade compreende toda a criação e os inimigos de Deus.

⁶⁹ Ibid., p. 571.

⁷⁰ AUNE, David E. *Revelation 1–5*. World Biblical Commentary. Vol. 52a. Nashville: Thomas Nelson, 1997, p. 347.

⁷¹ Morris destaca que “ἐνίκησεν aponta para o Cordeiro como completamente triunfante e o aoristo poderia indicar a vitória uma vez por todas”. MORRIS, Leon. *The Revelation of St. John: An Introduction and Commentary*. Grand Rapids, Eerdmans, 1987, p. 96.

⁷² HENDRIKSEN, *More Than Conquerors*, p. 153.

⁷³ Koester entende tratar-se do mesmo “livro”. KOESTER, *Revelation*, p. 476.

⁷⁴ OSBORNE, *Revelation*, p. 455.

3. O TESTEMUNHO DA IGREJA

A relação entre João e a igreja é direta. João é um representante da igreja no texto em tela e a sequência (11.1-13) corrobora tal relação. Por isso e diante do que foi exposto acima, destacamos quatro aplicações para a igreja.

Primeiro, vale destacar a organicidade do testemunho. No texto analisado, apenas quando João se refere ao “livrinho” o faz no diminutivo (10.2, 9 e 10). Textualmente, a única explicação aparente para isso parece estar relacionada à atitude de comer o “livrinho”. O ato de comer significa que a mensagem deve fazer parte de João,⁷⁵ nas palavras de Osborne, “pô-la em prática na vida”.⁷⁶ Koester interpreta esse ato de comer como a “capacitação para comunicar a Palavra de Deus”⁷⁷ e como algo que “se torna parte da própria vida do profeta”.⁷⁸ A conclusão é que o “livrinho”, que é o testemunho que deve ser apresentado e por isso está aberto,⁷⁹ deve ser parte orgânica de João e, conseqüentemente, da igreja. Dessa forma, Apocalipse indica que o testemunho não é algo exterior à igreja, o que ela apenas faz, mas orgânico, o que a igreja é.

Em segundo lugar, destacamos o sofrimento relacionado ao testemunho. A narrativa em 10.9-10 desacelera e repete o que já fora descrito em 10.8. Por isso Aune classifica os versículos 9-10 como “extremamente repetitivos”. Ele também destaca a inversão na referência ao sabor doce e depois amargo.⁸⁰

Tais destaques são interessantes porque, ao contrário da posição de Aune, a repetição descritiva-narrativa tem como intenção diminuir a velocidade do texto para destacar a importância da descrição e da narrativa que tem como objetivo exortar a audiência a obedecer à tarefa do testemunho. A inversão dos sabores também tem como objetivo destacar o amargor, que é a primeira e a última ocorrência. Essa inversão da ordem é para dar ênfase⁸¹ às conseqüências amargas do testemunho.⁸² Koester resume: “A comunidade cristã aprenderá que o rolo é doce por causa de sua mensagem de salvação, mas é amargo porque os propósitos de Deus serão alcançados em parte por meio do sofrimento”.

⁷⁵ KISTEMAKER, *Exposition of the Book of Revelation*, p. 405; PRIGENT, *O Apocalipse*, p. 182; BEALE e CARSON, *Comentário*, p. 1360.

⁷⁶ OSBORNE, *Revelation*, p. 455.

⁷⁷ KOESTER, *Revelation*, p. 482. Koester ainda destaca que, no contexto cultural de João, sonhar com o ato de comer um livro poderia significar futuros benefícios àqueles que vivessem segundo as palavras reveladas ou morte àqueles que desobedecessem. In KOESTER, *Revelation*, p. 482.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 493.

⁷⁹ OSBORNE, *Revelation*, p. 454.

⁸⁰ AUNE, *Revelation 6–16*, p. 572.

⁸¹ OSBORNE, *Revelation*, p. 455.

⁸² HENDRIKSEN, *More Than Conquerors*, p. 153; PRIGENT, *O Apocalipse*, p. 183; OSBORNE, *Revelation*, p. 454. Kistemaker concorda com Hendriksen, mas adiciona a exposição dos pecados pessoais que a Palavra de Deus produz ao falar do “amargo”.

mento e testemunho de seu povo”.⁸³ A conclusão é que o sofrimento fará parte do testemunho da igreja.

Em terceiro lugar, destacamos a exigência do testemunho. O testemunho, que é a profecia (cf. 19.10), deve ser anunciado sem a possibilidade de não cumprimento, conforme caracteriza a ocorrência do verbo δεῖ (“deve”; 10.11).⁸⁴ A razão para isso é que tal testemunho não será novidade, pois, conforme informa a ocorrência do advérbio πάλιν (10.11), ele já havia sido apresentado e aqui há “uma renovação da missão que já tinha começado”.⁸⁵ A aplicação é que o testemunho, antes apresentado pelos profetas do Antigo Testamento, por Jesus no Novo Testamento e por João e Antipas em Apocalipse, deve ser mantido ou retomado pelas igrejas.

Em quarto lugar, destacamos o caráter trinitário do comissionamento. O comissionamento de João é apresentado no plural: καὶ λέγουσίν μοι⁸⁶ (“Então eles me disseram”). Alguns comentaristas relacionam isso a um semitismo e Koester entende se tratar de um plural impessoal com função passiva.⁸⁷ Entretanto, devido ao contexto no qual três pessoas falam – o “anjo forte (10.3, 6-7), alguém do céu (10.4, 8-9) e os “sete trovões” (10.3-4) –, o forte caráter trinitário de Apocalipse (e.g., 1.4-5; 5.6-7) e a relação do número sete⁸⁸ com o Espírito no livro (e.g., 1.4; 3.1; 4.5; 5.6),⁸⁹ seria possível entender que João, e a igreja, são comissionados pela Trindade.

⁸³ KOESTER, *Revelation*, p. 483, 493.

⁸⁴ AUNE, *Revelation 6–16*, p. 573. Aune usa a palavra inglesa “must”.

⁸⁵ Ibid.

⁸⁶ Aune destaca que a leitura original e literal na terceira pessoa do plural é a mais difícil, e por isso foi alterada em alguns manuscritos, e que tal construção não se refere a algum traço de semitismo no texto. Posto isso, ele defende que tal texto deva ser traduzido como passivo (“Foi-me dito”), como é comum em textos gregos judaicos e do cristianismo primitivo, bem como em textos do grego clássico. Para isso ele apresenta outras ocorrências do que seriam exemplos do plural impessoal em Apocalipse (2.24; 12.6; 16.15; 18.14; 20.4). AUNE, *Revelation 6–16*, p. 552s. Porém, em todos os exemplos apresentados por Aune, os verbos podem ser interpretados literalmente, isto é, como uma referências à pessoas, e não precisam, necessariamente, ser traduzidos como verbos passivos. Uma possível dúvida paira sobre 16.15 por causa da sentença anterior (“μακάριος ὁ γρηγορῶν καὶ τηρῶν τὰ ἰμάτια αὐτοῦ”), que é construída no singular da terceira pessoa. Diante disso, a interpretação proposta acima é viável.

⁸⁷ KOESTER, *Revelation*, p. 483. Aune apresenta outras sugestões de interpretação. *Revelation 6–16*, p. 573.

⁸⁸ Outras vozes como de trovão ocorrem em Apocalipse 6.1; 14.2 e 19.6, mas apenas aqui ocorre o adjetivo εἴπα.

⁸⁹ A presença de artigos relacionados ao “trovão” em 10.3-4 denota ênfase e anaforicamente se refere a algo já conhecido dos leitores (PRIGENT, *O Apocalipse*, p. 179; AUNE, *Revelation 6–16*, p. 559), possivelmente em 1.4 (τῶν ἐπὶ πνευμάτων), 4.5 (τὰ ἐπὶ πνεύματα τοῦ θεοῦ) e 5.6 (τὰ [ἐπὶ] πνεύματα τοῦ θεοῦ). Embora haja dúvidas sobre a ocorrência da palavra ἐπὶ em 5.6, Metzger opta pela presença ao invés da ausência. METZGER, Bruce Manning. *A Textual Commentary on the Greek New Testament, Second Edition, a Companion Volume to the United Bible Societies’ Greek New Testament*. 4th rev. ed. London; New York: United Bible Societies, 1994, p. 666.

CONCLUSÃO

Concluimos este breve artigo reafirmando que há, sim, bases textuais e exegéticas para a interpretação cristológica do “anjo poderoso” descrito em Apocalipse 10.1-11, bem como bases teológicas e históricas, conforme apresentado acima. Tal interpretação, ao contrário da posição majoritária que defende a interpretação angélica, fortalece o testemunho da igreja ao nos lembrar que esse testemunho tem sua origem e autoridade em Jesus e em sua obra. Que tal interpretação seja aceita e anunciada em nossos púlpitos e que o resultado seja o resgate do testemunho da igreja.

ABSTRACT

The majority interpretation of ἄγγελον ἰσχυρὸν (“powerful angel”) in Revelation 10:1-11 insists that this image represents an angel, and not Christ himself. Such interpretation, however, does not sufficiently analyze the descriptive features presented by the text about the angel and, as a consequence, weakens the witness of the church. This weakness is due to the fact that, in the text, John receives authority to witness from the angel (the origin of the witness), at the same time that the nature of such witness is described. Thus, if this “angel” is just an angel, though “powerful”, he would not have the authority to establish and pass on to John the authority to witness, since he would be not worthy of such a task. This paper presents and analyzes the arguments favorable to the angelic interpretation, shows the arguments supporting the Christological interpretation, and tries to demonstrate the importance of the latter for its correct understanding.

KEYWORDS

Revelation; Angel; Jesus; Witness; Origin; Nature.